

DESTRUÍDA

BASE INIMIGA

11/12/81

As Forças Armadas de Moçambique (FPLM) ocuparam na passada segunda-feira uma das principais bases em território nacional da autodenominada «Resistência Nacional Moçambicana», organização fantoche criada, financiada e armada pelo regime sul-africano para desestabilizar o Centro do País.

A base, localizada nas montanhas de Garágua, Distrito de Mossurize, Província de Manica, situa-se a apenas 20 quilómetros da fronteira com o Zimbábue, numa zona de difícil acesso. É também uma região bastante despovoada, devido à escassa existência de cursos naturais de água.

As Forças Armadas de Moçambique (FPLM) iniciaram no dia 4 a progressão em direcção à base, a partir de posições previamente estabelecidas. Utilizando inicialmente a aviação, as forças Armadas fizeram entrar em funcionamento a artilharia pesada e ligeira, ao mesmo tempo que infantaria motorizada, blindados e unidades de comandos progrediam no terreno para tomar a base de assalto. Isto veio a verificar-se no dia 7.

Durante os combates foram abatidos pelo menos seis elementos do inimigo. Verificaram-se ainda diversas prisões.

A base central tem um diâmetro de dois quilómetros, aproximadamente. Ela estava dividida em zonas, onde se situavam o comando, o centro de trei-

no e o centro dos especialistas sul-africanos e de mercenários. Existiam aproximadamente 400 cabanas.

A base possuía infra-estruturas para aquartelar cerca de mil indivíduos e uma pista de helicópteros.

Três dias antes do assalto final, os soldados das Forças Armadas de Moçambique (FPLM) viram um helicóptero sobrevoar a zona da base. Presume-se que o aparelho foi chamado para evacuar de urgência os principais cabecilhas do grupo fantoche, assim como os especialistas sul-africanos.

As unidades das Forças Armadas de Moçambique (FPLM) capturaram uma importante quantidade de material de guerra e outro de apoio logístico. Entre o material, há espingardas-metralhadoras, armas de repetição, tambores de combustível para helicópteros, morteiros de 82 mm e de 60 mm, uma peça de defesa antiaérea, granadas de mão, obuses de canhão, granadas de morteiro, e medicamentos.

Foram capturados, igualmente, di-

versos documentos, que dão conta da actividade da «RNM» na África do Sul, Portugal, França e República Federal da Alemanha. Entre os documentos consta a acta de uma reunião realizada entre os chefes daquela organização e oficiais do exército sul-africano.

No relatório é dito que os sul-africanos tinham informado que os reabastecimentos passariam a ser feitos por outros meios, que não através de operações aéreas.

Estas, é acrescentado, são demasiadamente dispendiosas, porque os pára-que-distas com material de guerra, lançados dos aviões sul-africanos; que violam o espaço aéreo moçambicano, não são recuperáveis. Cada pára-que-dista, é assinalado no documento, custa ao regime de Pretória 500 rands, aproximadamente 22 contos.

A alternativa a esses reabastecimentos aéreos, prossegue o relatório, seria o mar. O inimigo procuraria transportar para o interior, através de grupos de bandidos, o material desembarcado na costa de Sofala. (AIM).